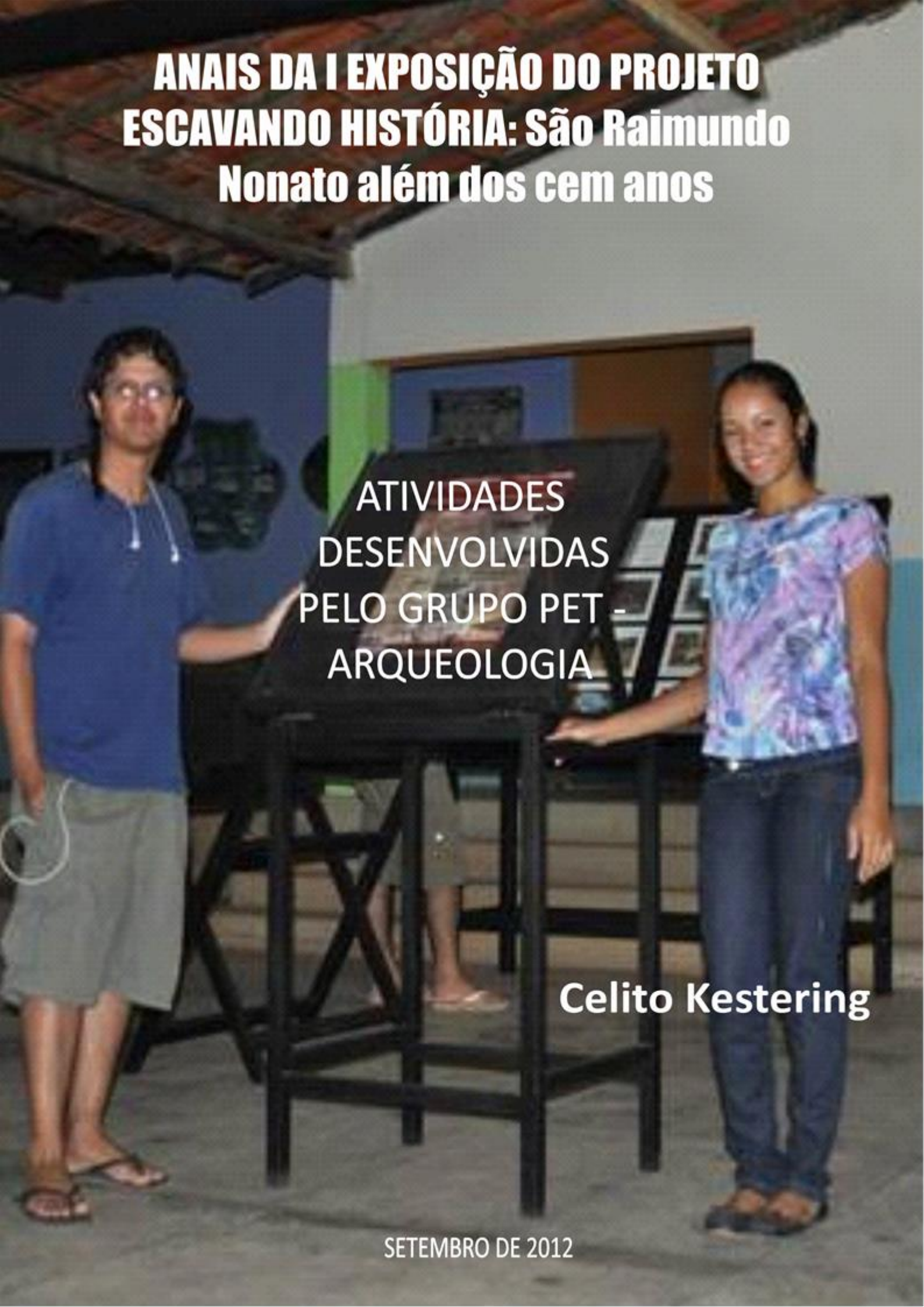
ANAIS DA I EXPOSIÇÃO DO PROJETO ESCAVANDO HISTÓRIA: São Raimundo Nonato além dos cem anos



ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO GRUPO PET - ARQUEOLOGIA

Celito Kestering

SETEMBRO DE 2012

I Exposição

Realização
Grupo PET Arqueologia / UNIVASF
Campus Serra da Capivara

Organização
Celito Kestering

Colaboração
Janaína Carla dos Santos
Leandro Surya Carvalho de Oliveira Silva
Mauro Alexandre Farias Fontes
Nívia Paula Dias de Assis
Vivian Karla de Sena
Waldimir Maia Leite Neto
Gisele Daltrini Felice

Apoio Administrativo
José Hermes Carvalho Paes
Lívia de Oliveira e Lucas
Paulo Oliveira Silva
Sandro Ribeiro de Castro

Membros Externos
Alix Pereira Galvão – REEEPI
Ana Stela de Negreiros Oliveira – IPHAN
Déborah Gonsalves Silva – UESPI
Niède Guidon – FUMDHAM

Bolsistas
Claudio Marcio Barbosa de Siqueira
Felipe Silva Sales
Ianthe Santos Silva
Ingrid Lopes de Oliveira
Jéssica Rafaella de Oliveira
José Nicodemos Chagas Júnior
Leonardo Tomé de Souza
Lucas Braga da Silva
Rodrigo Bernardo da Silva
Silvyo Bruno Guerra Correia
Taiguara Francisco Alexo da Rocha Silva
Tamara Grazielle Cavalcante Moraes

Voluntários
Marcelo Alves Ribeiro
Amanda Nunes Cavalcante
Jaime de Santana Oliveira

ISSN 2358-7717

ANAIS DA I EXPOSIÇÃO DO PROJETO ESCAVANDO HISTÓRIA: SÃO RAIMUNDO NONATO ALÉM DOS CEM ANOS

GRUPO PET ARQUEOLOGIA / UNIVASF
Rua João Ferreira dos Santos, S/N
Bairro Campestre – CEP: 64.770-000
E-mail: petescavandohistoria@gmail.com
São Raimundo Nonato – PI

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 5

PROGRAMAÇÃO 6

1 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO GRUPO PET - ARQUEOLOGIA 7

Celito Kestering

1.1 Visitas Didáticas ao Sítio Arqueológico Casa Neco Coelho 7

1.2 Leituras Dirigidas 12

1.3 Visitas Técnicas e Culturais 13

1.4 Curso de Conceitos e Princípios Básicos da Arqueologia Histórica 13

1.5 Integração com a Disciplina de Núcleo Temático 16

1.6 Levantamento Bibliográfico 17

1.7 Levantamento Imagético 24

1.8 Levantamento Arqueológico 24

1.9 Integração com Estudantes e a Sociedade Local 25

1.10 Feira das Profissões 25

1.11 Participação no XVI Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira – SAB e na VI Mostra de Integração da UNIVASF – SCIENTEX 26

1.12 Criação de um Site para o Programa de Educação Tutorial 26

1.13 Cartilha 27

02 EXPOSIÇÃO DE ARTEFATOS ARQUEOLÓGICOS DO SUDESTE DO PIAUÍ 28

Claudio Marcio Barbosa de Siqueira, Felipe Silva Sales, Ianthe Santos Silva, Ingrid Lopes de Oliveira, Jéssica Rafaella de Oliveira, José Nicodemos Chagas Júnior, Leonardo Tomé de Souza, Lucas Braga da Silva, Rodrigo Bernardo da Silva, Taiguara Francisco Alexo da Rocha Silva, Silvyo Bruno Guerra Correia, Tamara Grazielle Cavalcante Moraes, Celito Kestering, Vivian Karla de Sena e Waldimir Maia Leite Neto

03 EXPOSIÇÃO DE ARTEFATOS DA GUERRA DA TELHA 38

Tânia Maria de Castro Santana, Pávula Maria Sales Nascimento e Celito Kestering

REFERÊNCIAS CONSULTADAS 58

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO GRUPO PET – ARQUEOLOGIA

Celito Kestering[1]

RESUMO

Em 2011, o grupo PET – Arqueologia realizou as seguintes atividades: Visitas Didáticas ao Sítio Arqueológico Casa Neco Coelho, Leituras Dirigidas, Visitas Técnicas e Culturais, Curso de Conceitos e Princípios Básicos da Arqueologia Histórica, Integração com a Disciplina de Núcleo Temático, Levantamento Bibliográfico, Levantamento Imagético, Levantamento Arqueológico, Integração com Estudantes e a Sociedade Local, Feira das Profissões, Participação no XVI Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira – SAB e na VI Mostra de Integração da UNIVASF – SCIENTEX, Criação de um Site para o Programa de Educação Tutorial e Cartilha.

Palavras-chaves: Arqueologia Histórica. São Raimundo Nonato – PI. Sudeste do Piauí.

[1] Licenciado em Filosofia, Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL (1974); bacharel em Agronomia pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco – FAMESF (1980); mestre em Pré-história (2001) e doutor em Arqueologia (2007) pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; Professor adjunto 2, no Colegiado do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF. Rua João Ferreira dos Santos, S/N; Bairro Campestre; São Raimundo Nonato – PI; CEP: 64.770-000. Fone: (89) 3582 – 9750; (74) 9193 – 2507. E-mail: celito.kestering@gmail.com

1.1 Visitas Didáticas ao Sítio Arqueológico Casa Neco Coelho

Esta atividade foi desenvolvida por professores da Área de Arqueologia Histórica do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF que são membros da equipe de execução do Projeto. Participaram efetivamente desta atividade os estudantes bolsistas do PET. Arqueologia. UNIVASF.

Os sítios arqueológicos históricos, Casa do Neco Coelho e Casa do Alexandre, localizados no entorno do Parque Nacional Serra da Capivara, foram escolhidos para iniciar os bolsistas na aprendizagem e ambientação das pesquisas de campo. Eles servem para confrontar o levantamento bibliográfico realizado com o registro arqueológico da região.

Os sítios estão inseridos no contexto histórico de extração de maniçoba, no século XX, que teve um papel econômico e social muito importante para o desenvolvimento da região. Apesar dessa importância para a região interiorana do Nordeste, pouco foi registrado sobre o cotidiano das pessoas que ocuparam o Sudeste do Piauí no início, no auge e na decadência da exploração da maniçoba. A historiografia oficial apenas discute esse momento dentro de uma perspectiva do valor econômico para o Brasil e para o sertão do Piauí. Entretanto, o cotidiano, a cultura material e as práticas sociais desenvolvidas pelas pessoas que vivenciaram essa época pouco foram abordados pela historiografia oficial, deixando uma lacuna sobre este contexto histórico.

O estudo sobre esse momento histórico, além de não ter sido aprofundado pela historiografia, também não tinha sido alvo de estudo pela própria Arqueologia. Em decorrência deste fato, pesquisas arqueológicas históricas vêm sendo desenvolvidas na região por alguns professores integrantes do PET/Arqueologia, desde o ano de 2009. Pretende-se compreender a história dos grupos sociais formadores de São Raimundo Nonato sob a ótica dos pressupostos arqueológicos.

Num primeiro momento, o Sítio Casa do Neco Coelho foi pesquisado pela Fundação Museu do Homem Americano – FUMDHAM. Esta entidade realizou pesquisa de conservação e viabilização do turismo arqueológico e cultural deste patrimônio. Transformou-o em um museu a céu aberto. Realizou pesquisas de restauro nas edificações evidenciadas no sítio assim como trabalhos de acessibilidade e exposição dos artefatos para os visitantes. Coletou os artefatos expostos nas escavações e revelou as estruturas que compõem a residência escavada.

O segundo momento da pesquisa arqueológica desenvolvida neste sítio foi realizado por professores e alunos da disciplina Métodos e Técnicas Arqueológicas III e IV do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial, nos anos letivos de 2009 e 2010. A pesquisa,

nesse momento, tinha como principal objetivo compreender o cotidiano das pessoas que habitaram o sítio. Com o objetivo de evidenciar outras áreas de atividades desenvolvidas na antiga Fazenda Jurubeba, realizaram-se prospecções no entorno do sítio arqueológico. Com a detecção de locais com potencial arqueológico demarcou-se duas unidades de escavação, uma próxima da estrutura da residência e outra a aproximadamente 30m de distância da casa. Essa última era um refugo secundário da residência. A pesquisa permitiu a coleta de artefatos que foram classificados como de utilização doméstica. Coletou-se fechadura, chaves, pregos, moedas, cápsulas de bala de revólver, fragmentos de vidro e de louça. Associados às estruturas arquitetônicas da residência, os artefatos encontrados possibilitaram compreender um pouco mais sobre as atividades diárias desempenhadas pelos moradores e trabalhadores da antiga Fazenda Jurubeba. A cultura material estava associada a parte do cotidiano vivenciado pelas pessoas que ocuparam o sítio, nas primeiras décadas do Século XX.

Para o desenvolvimento dessa atividade com os bolsistas do PET/Arqueologia, realizou-se, inicialmente, a apresentação das etapas da pesquisa arqueológica e a visualização das unidades de escavação, assim como a demonstração das etapas do processo de conservação e restauração da Casa do Neco Coelho. As atividades de preservação patrimonial culminaram com a musealização de um Sítio Arqueológico Histórico, transformando-o em um museu a céu aberto. Conduziram-se os alunos até o mesmo, onde se apresentou, em contexto, os principais achados arqueológicos e os resultados da pesquisa.

A exposição dos artefatos, dispostos em expositores, permitiu aos bolsistas uma experiência de vivência inovadora em Arqueologia. Os mesmos puderam observar os objetos inseridos no contexto em que foram resgatados, durante as escavações arqueológicas. Essa atividade, além de prazerosa, foi utilizada como forma didática de aprendizagem da aplicação do conhecimento arqueológico experimentado em sala de aula. Proporcionou aos bolsistas uma experiência rara na Arqueologia brasileira, que é a de se observar os artefatos, estruturas e vestígios no seu contexto. Normalmente, após as escavações, os artefatos são conduzidos aos laboratórios de Arqueologia, só sendo possível acessar os seus contextos através de registros documentais dos Sítios Arqueológicos.

O contato com a diversidade dos tipos de artefatos evidenciados em um sítio histórico permitiu compreender a importância de preservar o Patrimônio Arqueológico Histórico não apenas para o desenvolvimento da pesquisa empreendida pelo arqueólogo, mas também pela necessidade e importância de deixar esse legado para as gerações futuras. Essa prática permite apresentar à população local o seu patrimônio, como forma de

socializar o conhecimento científico. Ela mostra a importância de se preservar a História dos antepassados. Permite que se sensibilize a população atual para a importância da preservação do Patrimônio Arqueológico Histórico no mesmo tempo em que se acessa o passado dessas comunidades. Ela auxilia na formação de agentes de preservação do patrimônio local.

Além da visita didática ao sítio arqueológico Casa de Neco Coelho fez-se escavação no sítio Casa do Alexandre. Este sítio localiza-se a 1 km, no sentido leste, do Sítio Casa do Neco Coelho. Ele foi alvo de pesquisas arqueológicas desenvolvidas pelos professores Waldimir Maia Leite Neto e Vivian Karla de Sena, com alunos das disciplinas de Métodos e Técnicas Arqueológicas III e IV, nos anos letivos de 2010 e 2011. O sítio foi ocupado por trabalhadores da Fazenda Jurubeba que eram empregados na extração da maniçoba. Esse Sítio Arqueológico foi descrito em pesquisas históricas como uma residência temporária, que apenas apresentava uma cultura material ligada à atividade do extrativismo vegetal, com poucos artefatos de utilização doméstica.

Incentivados pela necessidade de se compreender, arqueologicamente, o contexto histórico e social do período da maniçoba assim como o cotidiano das pessoas que ocuparam a região, os professores responsáveis pela pesquisa iniciaram os estudos. Integraram alunos do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF e bolsistas do PET/Arqueologia dessa mesma instituição.

As pesquisas no referido sítio foram iniciadas no ano de 2010. Fizeram-se prospecções, delimitação do sítio e escavações sistemáticas com uma sondagem de verificação do potencial arqueológico em profundidade. Abriram-se duas unidades de escavação o que ocasionou a ampliação da área total do sítio Casa do Alexandre. As escavações permitiram evidenciar remanescentes de uma estrutura de parede, feita com a técnica de taipa de mão, próximas à unidade habitacional, assim como elementos da cultura material referentes à atividade de extrativismo e de utilização domestica.

No ano de 2011 foram realizadas duas campanhas no sítio arqueológico, com alunos das referidas disciplinas, para dar continuidade às pesquisas do ano anterior. Neste ano foram ampliadas as escavações de uma unidade e realizada uma prospecção sistemática mais extensa no entorno do sítio. Objetivou-se evidenciar outras áreas de atividades que pudessem estar relacionadas com o sítio em questão, assim como relacionar o sítio Casa do Alexandre com outras ocupações históricas no seu entorno, como é o caso da Casa do Neco Coelho.

Na ampliação das áreas de escavação evidenciou-se uma área que apresenta indícios de ter sido utilizada para descarte (hipótese) onde havia elementos de cultura

material diversificada. Havia artefatos de utilização doméstica (louça, grés, cerâmica simples, frascos de vidro, fragmentos de garrafa de vidro, concha de metal) e equestre (espora para cavalo), o que demonstra uma grande intensidade na ocupação do sítio que vai além do que foi descrito nas pesquisas históricas realizadas a partir de documentação escrita.

As atividades do PET/Arqueologia desenvolvidas com os bolsistas consistiram em procedimentos de coleta de dados e conservação do sítio. Na coleta de dados os bolsistas puderam apreender os métodos e técnicas de escavação e prospecção (utilização das ferramentas de escavação, dinâmica e atribuição de funções) em sítios históricos assim como os procedimentos do registro (utilização de formulários de escavação e prospecção, fotografia, desenho de perfil estratigráfico). Na conservação do sítio foram ainda realizadas atividades manutenção das áreas escavadas como limpeza e consolidação dos perfis estratigráficos e também limpeza e proteção da unidade de escavação (procedimentos que asseguram a continuidade das pesquisas em campanhas arqueológicas futuras e auxiliam na proteção do patrimônio arqueológico).

Com a visita ao sítio, realizou-se também uma prospecção de reconhecimento do mesmo. Dessa forma os bolsistas visualizaram as características de um sítio histórico em superfície. Viram como se faz um diagnóstico de áreas de descarte de objetos domésticos. Observaram a distribuição espacial dos artefatos em superfície e das estruturas que podem fazer parte de outra unidade habitacional do complexo de moradias dos trabalhadores da antiga Fazenda Jurubeba. Nessa fase da pesquisa de campo foram apresentados aos bolsistas os métodos e as técnicas que se emprega na coleta dos artefatos em superfície e no registro das estruturas e vestígios associados a esses contextos.

Nesse período, os bolsistas puderam manusear equipamentos utilizados no registro da espacialidade de sítios arqueológicos. Operaram o Global Position System - GPS e a Estação Total. Fizeram, também, o registro fotográfico do sítio Casa do Alexandre com a utilização de escalas gráficas.

Com as atividades de visita técnica e cultural, os bolsistas PET/Arqueologia obtiveram os primeiros contatos com sítios históricos. Viram toda a diversidade de tipos de ocupação e a complexidade de cultura material inerentes a esses contextos. Tais visitas permitiram ainda uma melhor compreensão da necessidade de adequar os métodos e as técnicas da pesquisa de campo aos diversos tipos de sítios arqueológicos e seus contextos materiais. Permitiu também a reflexão sobre os objetivos estabelecidos numa pesquisa arqueológica e a adequação de metodologias apropriadas para cada contexto.

Os primeiros contatos com os sítios permitiram uma melhor compreensão sobre a composição da equipe de escavação e de prospecção, bem como a estratégia a ser utilizada para o desenvolvimento das atividades em campo. Questionou-se para planejamento: Que áreas serão escavadas futuramente? De que forma serão realizadas as escavações (em unidades específicas ou em superfície ampla)? Como se dará a divisão das equipes? Qual a disponibilidade de recursos humanos a serem empregados nas distintas etapas da pesquisa? Que equipamentos serão necessários para a realização de todas as etapas do trabalho de campo (GPS, câmera fotográfica e estação total)

As visitas técnica e cultural terão continuidade no ano letivo de 2012 com o objetivo de dar seguimento a pesquisas desenvolvidas no Sítio Casa do Alexandre. Serão feitas, também, novas pesquisas de prospecção na região, para evidenciar novos sítios arqueológicos que permitam uma melhor compreensão do contexto histórico e social na formação do atual município de São Raimundo Nonato e dos municípios no seu entorno.

1.2 Leituras Dirigidas

Esta atividade foi desenvolvida por professores da Área de Arqueologia Histórica do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF que são membros da equipe de execução do Projeto. Participaram efetivamente desta atividade os estudantes bolsistas do PET – Arqueologia / UNIVASF.

Para realização das leituras dirigidas apresentaram-se aos bolsistas os seguintes textos:

1 ***Os inícios da Arqueologia Científica***, de Bruce G. Trigger, Capítulo 3;

2 ***A explicação da diversidade***, de Bruce G. Trigger, Capítulo 9;

3 ***A Arqueologia em seu contexto social***, de Bruce G. Trigger, Capítulo 10;

4 ***Arqueologia e História: desaparecimento e emergência dos grupos subordinados na arqueologia brasileira***. Pedro Paulo FUNARI, 2002;

5 "***El Sur por el Sur"***, de Andrés Zarankin e Melisa Salerno, 2007;

6 ***Fica dentro ou joga fora? Sobre práticas cotidianas em unidades domésticas na Porto Alegre oitocentista***, de Fernanda Toccheto, 2003.

Todos os estudantes bolsistas, envolvidos com o PET. Arqueologia. UNIVASF desenvolveram atividades de leitura dirigida para fichamento e elaboração de resenhas.

Para efeito de redação do relatório de atividades referente ao ano 2011, selecionou-se o conjunto de textos que apresentaram melhor redação.

1.3 Visitas Técnicas e Culturais

Esta atividade foi desenvolvida pelos professores do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF que são membros da equipe de execução do Projeto. Participaram efetivamente desta atividade os estudantes bolsistas do PET. Arqueologia. UNIVASF.

As visitas técnicas e culturais tiveram como objetivo principal apresentar aos bolsistas o ambiente de pesquisa de campo e conservação de sítios arqueológicos. Para o desenvolvimento dessa atividade foram escolhidos, para este ano, em decorrência do levantamento bibliográfico (pesquisas arqueológicas) e do cadastro de sítios arqueológicos (CNSA) do IPHAN, os sítios com maior potencial para compreender o contexto histórico e arqueológico da região do Parque Nacional Serra da Capivara e entorno.

1.4 Curso de Conceitos e Princípios Básicos da Arqueologia Histórica

Esta atividade foi desenvolvida pelos professores da área de Arqueologia Histórica do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF que são membros da equipe de execução do Projeto. Participaram efetivamente desta atividade os estudantes bolsistas do PET. Arqueologia. UNIVASF.

O curso teve como objetivo principal apresentar os conceitos básicos e as metodologias aplicadas na pesquisa arqueológica de sítios históricos, suas estruturas e artefatos.

A diversidade do contexto arqueológico está relacionada com o período histórico (contato, colonial, império e república). Está, também, relacionada com os tipos de sítios arqueológicos (aldeamento indígena de contato, fortificações, igrejas, centros urbanos com variedades de edificações tanto quanto a sua função e significado para as sociedades) e os artefatos (cerâmica, faiança, louça, grés, material de olaria, material vítreo e material metálico).

A compreensão e a interpretação do contexto arqueológico são realizadas a partir da leitura do contexto histórico e social e sua associação com o tipo de sítio arqueológico,

estruturas e artefatos associados. No desenvolvimento da pesquisa arqueológica histórica “o olhar” sobre o contexto arqueológico é norteado pelos pressupostos teóricos e metodológicos do arqueólogo, assim como pelos objetivos da pesquisa desenvolvida. O estudo da Arqueologia Histórica não apresenta um “olhar” único para o registro arqueológico. Pode ser direcionado pela diversidade de resultados alcançados em uma mesma temática ou mesmo no estudo de um contexto arqueológico semelhante, ou seja, existem várias possibilidades de compreender as manifestações do passado.

Procurou-se apresentar, aos bolsistas, os conceitos básicos da teoria e metodologia “do pensar” a Arqueologia Histórica dentro de uma perspectiva ampla (enquanto subdisciplina da Arqueologia) e mostrar como esses pressupostos são utilizados no desenvolvimento dos estudos na Arqueologia Histórica.

No início do curso, foi apresentada e discutida a definição dos principais conceitos da Arqueologia Histórica. Levou-se em consideração o momento do “pensar” a Arqueologia (influências teóricas) e dos pesquisadores que a definiram. Para uma perspectiva mundial da Arqueologia Histórica utilizou-se textos de Charles Orser Jr. (2000).

Para as pesquisas no Brasil, fez-se uso dos textos de Pedro Funari (1991), de Maria Dulce Gaspar (2002) e de Luiz Claudio Symanski (2009). Para a perspectiva da América do Sul, serviu-se do texto de Andrés Zarankim e Melissa Salerno (2007).

A definição do conceito da Arqueologia Histórica permitiu ter uma melhor noção do objeto e objetivo de estudo da Arqueologia dentro dessa perspectiva e de que forma se difere da Arqueologia Pré-histórica. Neste momento, apresentou-se também, os tipos de sítios arqueológicos evidenciados no contexto histórico, assim como a metodologia aplicada em pesquisas de campo (prospecção e escavação sistemática). Foi possível perceber que o registro da coleta de dados não se diferencia tanto da pesquisa pré-histórica, havendo apenas uma adequação aos contextos em estudo (sítio histórico e sítio pré-histórico).

Uma das particularidades da Arqueologia Histórica relaciona-se com a diversidade de fontes para o desenvolvimento da pesquisa: documentos escritos (oficiais e não oficiais), pictóricas (iconografias e mapas), estruturas (remanescente de edificações com características arquitetônicas correspondendo a momentos específicos) e artefatos. Realizou-se uma introdução aos princípios analíticos da utilização das fontes para a pesquisa.

Planeja-se o desenvolvimento de atividades de análise de documentos escritos e pictóricos, bem como de artefatos (cada tipo de artefato apresenta um protocolo de análise) e de um estudo de caso, no próximo ano (2012).

Após apresentação da definição do conceito, dos métodos e das técnicas, assim como do objeto e dos objetivos de estudo, os bolsistas tiveram contato com as referências bibliográficas utilizadas no curso e as temáticas abordadas na Arqueologia Histórica. Com relação às temáticas optou-se por dar ênfase às que estão sendo desenvolvidas no contexto da Arqueologia Brasileira. Nesse sentido foram apresentadas e discutidas as possibilidades de pesquisas das seguintes temáticas: Arqueologia Colonial (centros urbanos, missões jesuíticas e fortificações); Arqueologia Pública; Arqueologia Subaquática; Arqueologia do Capitalismo; Arqueologia e Etnia; Arqueologia dos Engenhos; Arqueologia da Diáspora Africana nas Américas e Arqueologia de Contato, entre outros.

A apresentação das temáticas, além de contextualizar o desenvolvimento das pesquisas no Brasil, incentivou os bolsistas a desenvolverem determinadas temáticas da Arqueologia Histórica dentro do PET/Arqueologia. Isso fará com que possam contribuir para compreender, a partir do registro arqueológico, o contexto histórico e social da formação do município de São Raimundo Nonato e municípios circunvizinhos, do entorno do Parque Nacional Serra da Capivara.

Ministrou-se o curso a partir de palestras expositivas mediadas por discussões de textos e apresentação de slides construídos em estudos de caso do contexto brasileiro.

As aulas foram expositivas e dialogadas. Consistiram de introdução aos conceitos básicos da Arqueologia Histórica, definição do campo de pesquisa, objeto e objetivos de estudo e métodos e técnicas da pesquisa arqueológica histórica (prospecção e escavação sistemática e análises laboratoriais).

Com relação aos métodos e técnicas, apresentaram-se alguns estudos de caso e artefatos de contextos históricos desenvolvidos pelos professores responsáveis pelo curso, tanto de áreas urbanas como de áreas rurais. Enfatizaram-se as pesquisas desenvolvidas em sítios arqueológicos históricos do Parque Nacional Serra da Capivara e entorno, quais sejam: Casa do Neco Coelho e Casa do Alexandre.

A avaliação do curso deu-se a partir da participação de cada bolsista nas discussões promovidas, com a mediação de textos relevantes para as temáticas abordadas. No final do curso requereu-se um trabalho individual em que cada bolsista dissertou sobre o seguinte tema: **A partir dos conceitos da Arqueologia Histórica como poderemos desenvolver a pesquisa 'São Raimundo Nonato: Além dos 100 anos' e aplicar métodos e técnicas específicos para o estudo de Sítios Arqueológicos desse contexto?**

Com o término do curso percebeu-se uma melhor compreensão do objeto e objetivos de estudo da Arqueologia Histórica, assim como os procedimentos de coleta de dados (métodos e técnicas da pesquisa de campo) e análise do registro arqueológico em contextos

históricos. A compreensão da abordagem da Arqueologia Histórica promoveu uma melhor contextualização das pesquisas desenvolvidas no ano de 2011 e a serem desenvolvidas futuramente pelo Grupo PET.

O curso também promoveu o direcionamento dos bolsistas para o estudo de temáticas específicas de Arqueologia Histórica na região. Essas temáticas serão utilizadas para uma melhor compressão do contexto histórico e social de São Raimundo Nonato e municípios no entorno do Parque Nacional Serra da Capivara, dentro de uma perspectiva arqueológica.

Com relação às temáticas desenvolvidas por bolsistas, pode-se citar o Trabalho de Conclusão de Curso **ARQUEOLOGIA HISTÓRICA DO CONTEXTO MANIÇOBEIRO: aspectos do modo de vida nos artefatos de contexto doméstico do sítio Casa do Alexandre** desenvolvido pelo bolsista Felipe Sales na pesquisa de monografia com orientação da Professora Vivian Karla de Sena. No trabalho de conclusão de curso, procurou-se compreender a ocupação dos maniçobeiros (século XX) na região Sudeste do Piauí. Abordaram-se aspectos cotidianos dos maniçobeiros a partir de análises contextuais da cultura material evidenciada no sítio Casa do Alexandre e a sua relação com as transformações históricas, políticas e sociais vivenciadas no Nordeste Brasileiro no final do Século XIX e início do Século XX. Ainda como complementação do curso e aplicação dos conceitos abordados, os bolsistas do PET assistiram a defesa da monografia para fixarem os conteúdos abordados no curso de introdução à Arqueologia Histórica.

1.5 Integração com a Disciplina de Núcleo Temático

Esta atividade foi desenvolvida pelos professores do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF que são membros da equipe de execução do Projeto. Participaram efetivamente desta atividade os estudantes bolsistas do PET. Arqueologia. UNIVASF.

Com a implantação do curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial na cidade de São Raimundo Nonato intensificaram-se as atividades de pesquisa arqueológica e as ações patrimoniais no referido município. A disciplina Núcleo Temático tem sido um instrumento de incentivo à pesquisa e aos programas de preservação do patrimônio natural e cultural da região Semiárida.

O Núcleo Temático é um componente curricular que dialoga com ações relacionadas com ensino, pesquisa e extensão. Sua proposta é fazer com que os discentes se

posicionem enquanto agentes críticos e estabeleçam diálogos com atores externos à universidade. Nesse sentido as atividades do grupo PET ajudaram a resgatar alguns temas da memória histórica e patrimonial do município e da região Sudeste do Piauí.

A partir do incentivo à pesquisa regional e à extensão, tem-se levantado temas para pesquisa e para elaboração de Trabalhos de Conclusão de Curso. A título de exemplo, apresenta-se o trabalho de pesquisa e extensão do estudante Caio Dias Pereira Júnior, incentivado pelos bolsistas pelos professores e pelo tutor do PET, em sintonia com as disciplinas Elaboração de Texto Científico e Núcleo Temático. O estudante começa a dedicar-se à pesquisa de Arqueologia em um dos povoados do município atual de Dom. Inocêncio que foi desmembrado do antigo município de São Raimundo Nonato.

A monografia defendida por Tânia Maria de Castro Santana sobre a Guerra da Telha é, também, um exemplo de quanto é profícua a relação dos estudantes com a disciplina Núcleo Temático, com o trabalho de pesquisa e de extensão. Este episódio ocorreu no município de Dirceu Arco Verde, desmembrado do antigo município de São Raimundo Nonato – PI. O trabalho de pesquisa sobre a Guerra da Telha mostra ainda a viabilidade do projeto PET – Arqueologia/UNIVASF, quando se propõe refazer a história regional, com base na tradição oral e nos vestígios arqueológicos.

1.6 Levantamento Bibliográfico

A invasão dos Piauí foi muito anterior ao descobrimento de Cabral. Quando se deu início à obra de colonização portuguesa, nações de índios disputavam entre si o litoral e as matas. Em meados do século XVII, começaram as penetrações colonizadoras feitas por bandeirantes e religiosos no Sudeste do Piauí. A partir de então, até o início do século XIX, numerosas expedições foram organizadas, com a finalidade de expulsar os nativos de suas terras, escravizá-los nas fazendas de gado e reduzi-los a aldeamentos. Em 1695, foram abertas estradas no Piauí. Por elas deslocavam-se os seus moradores e os padres da Companhia de Jesus.

Aos donos das terras agradavam as missões, quando elas se prestavam a ser instrumento da submissão desses índios aos seus interesses pecuários. Quando, porém, as missões tratavam os índios como pessoas humanas, instruindo-os, educando-os e ensinando-os a se defender contra uma escravização, positiva ou disfarçada, os curraleiros insurgiam-se contra os missionários. Recusavam-lhes os meios, intrigavam os índios entre si e influíam com os governadores para impedir as missões. Na maioria das vezes, os religiosos eram partidários da catequese para a pacífica expansão colonizadora enquanto

que os criadores optavam pelo esmagamento completo do indígena, para expansão tranquila de seus rebanhos.

Em 1715, o imenso território do atual estado do Piauí era ainda uma simples comarca do Maranhão. Tudo o que sabiam as autoridades a respeito do Piauí era da existência de uma imensidão quase desconhecida, imprecisa, sem limites definidos, povoada por tapuias bravos, lutando uns contra os outros e contra o branco usurpador.

O Piauí, como uma conjunção de regiões bem distintas do Brasil, situa-se entre as terras castigadas do Nordeste e as terras frescas do Maranhão. A sudeste predomina o clima da região do Médio São Francisco. As noites são frias, de maio a agosto, para logo depois aparecer o calor rigoroso da estação das águas do interior. Pouco além da barra do Gurguéia surgem as primeiras manifestações da exuberância da Bacia Amazônica, ao passo que, para baixo, depara-se com o desolador quadro da região seca do Nordeste.

Esta configuração determinou, sem dúvida, a transformação deste vasto território num corredor de migração para as tribos indígenas, que se deslocavam da Bacia do São Francisco e do litoral nordestino para a Bacia Amazônica e vice-versa. Tupis, Tapuias e Caraíbas, em contínuas guerras e migrações, pisavam o solo piauiense, cruzando-o nos dois sentidos. No tempo da conquista, só não foram encontrados representantes do grupo Aruaque.

Não existe registro completo que tenha resistido ao tempo e à queima de informação das nações indígenas formadas de muitos grupos étnicos. Algumas obras explicam o deslocamento dos grupos, porém é audacioso afirmar quem ficou e que direção tomou quem saiu. Trata-se de um período colonial em que o gentio era perseguido, condenado à escravidão e assassinado por não concordar com as leis impostas pelos brancos europeus que invadiam os sertões.

> Guidon e Lage afirmam que por volta de 3.500 anos atrás, aparecem os primeiros vestígios deixados por povos ceramistas e agricultores. Esses povos moravam em aldeias circulares não muito grandes, com habitações também elípticas dispostas em torno de um pátio central. (...) As plantas cultivadas eram o milho, o feijão, a cabaça e o amendoim. Tinham costumes funerários muito elaborados, praticavam enterramentos primários em covas na terra, mas também os secundários em urnas funerárias feitas em cerâmicas. (...) Esses grupos permaneceram na região até a chegada dos colonizadores, criadores de gado, que avançaram sobre as terras indígenas provocando seu deslocamento para outras regiões e iniciando assim o extermínio de grupos indígenas no Piauí. Os colonizadores atingiram essa região em torno de 1830 e, desde então, as agressões ao meio ambiente são intensas e aceleram a cada dia o processo de aridez que caracteriza o Estado. Os rios são assoreados e secam. A região, que tinha uma riqueza muito grande de fauna e flora, passa a ser semidesértica. A grande civilização formada pelas populações pré-históricas cedeu lugar a comunidades aculturadas, vivendo em situação de miséria e com um futuro nada promissor. De uma região de primeiro

> mundo, com alta qualidade de vida, passamos ao quinto mundo no curto espaço de quinhentos anos (SANTANA, 2003).

Nunes (1971) afirma que “no passado mais remoto, compelidas por essas circunstâncias, palmilharam os vales de seus rios tribos dos principais grupos indígenas que povoaram o Brasil: Tupis, Caraíbas, Tapuias e, entre eles, os Cariris”. Chaves (1998) afirma que "o Piauí seria uma imensidão quase desconhecida, imprecisa, sem limites definidos, povoada de Tapuias bravos, lutando uns contra os outros, e contra o branco usurpador”. Deixa entender que, antes mesmo do colonizador branco propor guerra ofensiva, a disputa pelas terras já existia.

Em meio a uma época em que havia grande turbulência migratória indígena, não se sabe se foram os tupis os primeiros a chegarem, de onde eles vieram e que ligação eles tinham com os outros grupos. O historiador Nunes (1971) prossegue afirmando que:

> Os mais antigos documentos que se referem ao Piauí nos fazem conhecer os Tremembés, os Aroás, Cupinharões, Tabajaras e Amoipiras, como povoadores da bacia do Parnaíba. Os Amoipiras ocupavam a margem esquerda do velho Chico. Junto com os Tabajaras atravessaram o grande sertão em direção ao Parnaíba, ocupando o Sul do Piauí. Juntaram-se a eles as tribos dos Termiminós.

Nômades por natureza, sempre em busca de alimento nos rios, nas matas e nos campos, imigrando constantemente por causa das guerras contínuas, é difícil e quase impossível situar, com precisão rigorosa, os indígenas do solo piauiense. Costuma-se situar as tribos pela análise do testemunho dos exploradores. Afirma-se que os Araiés e Acumês ocupavam as cabeceiras do Rio Piauí. Os Coaratizes e os Jaicós, o Vale do Gurguéia. Os Pimenteiras, os limites de Pernambuco.

Têm-se informações de que os Amoipirá teriam vindo do litoral baiano. Estabeleceram-se na margem oriental do Rio São Francisco e povoaram também o lado norte deste rio. Os homens desta tribo traziam o cabelo da cabeça copado e aparado ao longo das orelhas. As mulheres usavam o cabelo comprido. Pescavam com espinhos e de arco. Tinham os beiços furados e pintavam-se com jenipapo. Os Amoipirá combateram os Ubirajaras.

Os Pimenteiras constituíam a avançada mais oriental da migração Caraíba. Os Tremembés pertenciam à raça dos Cataguás. As demais tribos eram Tapuias legítimos, isto é, indígenas de ‘línguas travadas’ bons cantores, hábeis flecheiros, destros corredores e valentes na guerra. O conhecimento que se tem da cultura desses povos, foi construído por religiosos, funcionários da administração colonial, viajantes, aventureiros e senhores de engenho, sendo, portanto, visões geralmente distorcidas, advindas do ponto de vista do outro, feito por cronistas estranhos à cultura local.

Os estudos antropológicos e sociológicos tiveram a preocupação de estudar as camadas populares brasileiras. Neste sentido, prevaleceu, até recentemente, a concepção de terem sido sociedades portadoras de culturas exóticas, com características e costumes diferentes, portanto condenados ao desaparecimento, razão pela qual deveriam ser investigados.

As novas abordagens da História foram essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa porque permitiram repensar a dinâmica da colonização e a própria percepção de que os povos indígenas eram agentes passivos. Hoje, busca-se mostrar que, no processo colonial, eles foram sujeitos ativos da sua história, apesar de a documentação identificá-los como selvagens, gentios, silvícolas ou apenas como empecilhos à colonização.

Inicialmente, os primeiros conquistadores do território não objetivavam a aquisição da terra para a instalação de fazendas. Visavam apenas à conquista dos povos indígenas para serem utilizados como mão-de-obra, principalmente nas tropas militares. Essa caçada violenta dizimou muitas etnias.

Em 1674, Julião Afonso Serra entraram pelas cabeceiras do rio Piauí. A partir de 1676, ocorreram concessões das primeiras sesmarias de terras que beneficiaram Domingos Afonso Mafrense, Julião Afonso Serra, Francisco Dias d'Ávila e Bernardo Pereira Gago. Essas terras foram doadas pelo governador de Pernambuco, Dom Pedro de Almeida. As terras conquistadas por Domingos Afonso Mafrense foram repassadas para a Companhia de Jesus. No Piauí, a ação da Companhia de Jesus parece ter sido mais voltada para a atividade econômica do que para a evangelização.

Em 1774, os bandeirantes da Casa da Torre, perseguindo os ***Galaches*** e os ***Guesguês***, passaram a região do Rio São Francisco e chegaram até a região do Piauí. Também no século XVIII, os Dias d'Ávila da Casa da Torre devastaram toda aquela região. Garcia D'Ávila foi o fundador da Casa da Torre. Coube, porém, ao segundo Garcia D'Ávila dar início à penetração para o Oeste. Esta entrada foi continuada pelo seu sucessor, Francisco Dias d'Ávila e o neto deste, o segundo Francisco Dias d'Ávila, os quais completaram a invasão e a ocupação. A família tornou-se assim grande proprietária de terra e muito poderosa devido aos acordos e acertos firmados com o governo.

A bandeira de Domingos Jorge Velho, provavelmente saiu do Paraná, chegou em Minas Gerais e subiu em direção ao norte, seguindo o curso do rio São Francisco. Perseguindo alguma tribo, transpôs a serra por caminhos que só os índios conheciam. Seguiu, depois, o curso do rio, sempre na sua luta contra o gentio bravo, comedor de carne humana, como ele próprio o declarava.

O projeto colonial para a região Sudeste do Piauí pode ser dividido em duas etapas. Inicialmente, durante o final do século XVII e início do XVIII, aconteceu a ocupação daquela área, com a chegada dos sertanistas provenientes do São Francisco, dispersando a população nativa que, provavelmente, era remanescente dos agricultores ceramistas. Para as etnias que sobreviveram, restou somente buscar áreas de refúgio para serem incomodadas novamente pelo processo de ampliação da área das fazendas de gado no século XVIII ou integrar-se ao processo colonial.

A segunda fase veio com a expulsão dos jesuítas, a expansão da área ocupada pelas fazendas e o início do conflito com os Pimenteiras. Foi também nesse momento que ocorreu um abandono da população até a total dispersão dos povos indígenas, no início do século XIX. A pecuária tornou-se a principal riqueza do Piauí e a única atividade econômica do povoador.

Sob a lógica de ocupação exploratória, constituiu-se o estado do Piauí. A Coroa portuguesa interessava-se pelas fontes de riqueza da região Nordeste. Essa ocupação representava uma ameaça ao patrimônio natural e aos grupos nativos que ocupavam o sertão. Tal ameaça advinha também da contínua entrada de holandeses no interior do país. Estes realizavam pesquisas de mamíferos e faziam trocas de diversos materiais com os índios do Piauí e do Ceará.

Com o intuito de impulsionar o povoamento e acelerar as exportações econômicas de todo o sertão nordestino, a Coroa Portuguesa doou grandes extensões de terras, divididas em sesmarias, aos interessados em contribuir com esses objetivos. Durante o século XVII e do século XVIII, teve início o processo de colonização do Piauí, com as expedições de bandeirantes e sertanistas. Desencadeou-se, então, a expansão pastoril, com a criação e implantação de muitas fazendas de gado em toda a região.

Entre os sertanistas que chegaram até o território hoje correspondente ao estado do Piauí, destacam-se os bandeirantes da Casa da Torre que, perseguindo alguns povos nativos, atingiram a região, na medida em que ultrapassaram o Rio São Francisco (OLIVEIRA, 2007). A família D`Ávila, da Casa da Torre, era uma das maiores proprietárias de terras na região e considerada também muito poderosa.

Outro nome que merece destaque no contexto colonizador do Piauí é Domingos Afonso Mafrense. Tido como o povoador da região Sudeste do Piauí, é apontado como o homem que deixou a obra colonizadora mais durável (LEITE, 1945 *apud* OLIVEIRA, 2007).

Dentre os territórios piauienses “conquistados” pela Coroa, está a sua região Sudeste que teve uma colonização tardia. Esta se dividiu em duas fases e foi marcada por

extrema violência em uma guerra contínua que acabou por dispersar a população nativa. Segundo Oliveira (2007, p. 26),

> Inicialmente aconteceu a ocupação daquela área, com a chegada dos sertanistas provenientes do São Francisco, durante o final do século XVII e início do XVIII, dispersando a sua população nativa; provavelmente os remanescentes dos agricultores-ceramistas. Para as etnias que sobreviveram, restou somente buscar áreas de refúgio para serem incomodadas novamente pelo processo de ampliação da área das fazendas de gado no século XVIII ou integrar-se ao processo colonial. A segunda fase deu-se a partir da segunda metade do século XVIII, após a expulsão dos jesuítas, com a expansão da área ocupada pelas fazendas de gado, período em que tiveram início os conflitos com os Pimenteiras, últimos povos indígenas em guerra com o colonizador na Capitania do Piauí. Durante essa fase, ocorreu o abandono de diversas fazendas pelos moradores locais e, depois, o despovoamento da região, com a dispersão dos povos indígenas para que ocorresse um repovoamento colonial e a construção geográfico-social daquela área. Esta fase se prolonga até o início do século XIX, com o controle da região pelos colonizadores e a total dispersão dos povos indígenas.

Durante muito tempo, a economia do Estado piauiense orbitou entre a venda de gado e índios capturados nas missões. Este contexto desenvolveu marcadores sociais permanentes, sofrendo pequenas alterações somente um século depois do inicio da colonização. Em 1762 ainda não havia área urbana no estado. A existência precária de uma vila, denominada Mocha, era a única aglomeração urbana. Anos depois, a vila passou a se chamar Oeiras, tornando-se capital da capitania e apresentando marcadores sociais provenientes desta lógica exploratória. Nela havia 1.200 habitantes, porém 655 destes eram livres.

As cidades do litoral nordestino tiveram sua economia baseada no cultivo de cana-de-açúcar. A região Sudeste do Piauí, marcada pelas chuvas escassas e solo pobre, o que não favorecia o cultivo dessa monocultura, volta-se para o desenvolvimento da pecuária extensiva em um período conhecido como **ciclo do gado**. A pecuária alavancou o desenvolvimento socioeconômico do Sudeste e de todo o estado do Piauí. O ciclo do gado alcançou sua maior expressão durante os séculos XVII e XVIII, com a criação de muitas e importantes fazendas de gado.

Em uma dessas fazendas, distribuídas por todo o Sudeste piauiense, desenvolver-se-ia a sede do distrito de São Raimundo Nonato. Tal fazenda localizava-se na confluência do Baixão Vereda com a margem esquerda do Rio Piauí (DIAS, 2001).

Foi no dia 06 de julho do ano 1832 que o nome do santo português Raimundo Nonato teve a função de delimitar território, por força do Decreto regional 8.832. Criou-se, assim, a Freguesia Eclesiástica de São Raimundo Nonato. Esta freguesia estava antes dividida, em maior parte, no município de Jaicós, e em menor parte, no município de Jerumenha que, devido à distância e à falta de comunicação entre estes, não tinham como

fazer prevalecer seus alegados domínios nem manter a hegemonia territorial pretendida. Assim que foi criada, a Freguesia de São Raimundo Nonato tinha sua sede no lugar chamado Confusões que se localizava no extremo poente de seu território. Permaneceu neste local por cerca de quatro anos, até que, por efeito da Lei provincial número 35, de 27 de agosto de 1836, transferiu-se para a Fazenda Jenipapo cuja população dedicava-se à lavoura e à pecuária.

Em 1850, a Lei provincial número 257, de 12 de agosto elevou a freguesia à categoria de vila, mantendo a mesma denominação e sede. No entanto, sua instalação deu-se apenas em 04 de março de 1851, quando Inácio Francisco da Mota era governador da província. O referente distrito judiciário ficou subordinado a Oeiras até 1859 e, posteriormente, a Jaicós, quando foi elevada à categoria de Comarca, por efeito da Lei Provincial número 468, de 12 de agosto do mesmo ano. Seu território permaneceu inalterado até o ano de 1972, quando foi instalada a Vila de São João do Piauí, ficando desmembrada toda zona que compreende os municípios de São João do Piauí, Canto do Buriti, Socorro do Piauí, Paes Landim, Lagoa do Barro do Piauí, Brejo do Piauí, Campo Alegre do Fidalgo, Capitão Gervásio de Oliveira, João Costa, Nova Santa Rita, Pajeú do Piauí, Pedro Laurentino, Ribeira do Piauí e Tamboril do Piauí.

Naquele período, todos esses municípios configuravam-se em apenas um, a saber, São João do Piauí, que permaneceu como distrito judiciário de São Raimundo Nonato até 1874, quando se desligou judicialmente deste município, passando a comarca. Esse desmembramento permaneceu até o ano de 1896, quando, por efeito de Lei estadual, extinguiu-se os foros de vila, comarca e termo judiciário, fazendo com que São João do Piauí fosse reincorporado a São Raimundo Nonato, que acabou por recuperar os limites de 1871.

Tal situação só durou um ano, porque se restabeleceu a autonomia administrativa de São João do Piauí, com os mesmos limites anteriores, permanecendo, porém, o seu termo em São Raimundo Nonato, até 09 de julho de 1898, quando foi desmembrado deste município e anexado a Oeiras. Esse ciclo de transferências não parou por aí. Verificou-se ainda, outras duas vezes, o anexo e desmembramento do termo a São Raimundo Nonato.

No ano de 1912, a Lei estadual número 686 desmembrou o trecho poente do município e criou o de Caracol. No mesmo ano, a vila de São Raimundo Nonato foi elevada à categoria de Cidade, por efeito da Lei estadual 669, de 25 de junho, ficando a comarca constituída dos termos judiciários de Caracol.

Em 1915 foi criada a Vila de Canto do Buriti, ficando a comarca nos termos judiciários de São João do Piauí até o ano de 1917, transferida para Caracol. Assim, os

termos judiciários de São Raimundo Nonato e Canto do Buriti permaneceram em Caracol, até o ano de 1938, quando Canto do Buriti foi elevada à categoria de Cidade e seu termo foi transferido para São João do Piauí. São Raimundo Nonato aparece como comarca na divisão territorial do Estado, constituída de um único termo, o da sede, até que, em 1947, Caracol passa a ser distrito judiciário da comarca de São Raimundo Nonato. Tais situações permanecem até hoje.

1.7 Levantamento Imagético

Nos acervos da Biblioteca Nacional Digital, encontrou-se alguns mapas antigos do estado do Piauí. Um deles é de autor e data desconhecidos. O outro data de 1761. Outro, ainda, foi feito em 1828.

Fez-se também um levantamento de fotos antigas de eventos e da cidade de São Raimundo Nonato. Conseguiram-se fotos da Praça do Bitoso, do antigo cartório, da Avenida João Menezes, da sede do Banco do Estado do Piauí, da antiga agência do Banco do Nordeste do Brasil e do Centro Diocesano de São Raimundo Nonato. Obteve-se também fotos do Grupo Escolar Padre Domingos da Conceição, do Ginásio Dom Inocêncio, de estudantes do Ginásio Dom Inocêncio, da Igreja do Paraíso das Aves e da Capela Nossa Senhora das Mercês. Conseguiu-se, ainda, fotos da Igreja Prelacial, hoje Catedral de São Raimundo Nonato, da antiga Praça do Abrigo, da loja comercial **A Pernambucana**, de antigos moradores de São Raimundo Nonato e de padres que trabalharam em São Raimundo Nonato. Da mesma forma, conseguiu-se fotos do Edifício do Patronato em São Raimundo Nonato, cópia de um telegrama postado em 1957 e do Cruzeiro edificado em 1994 pelo prefeito Hamilton Baldoíno, no Morro do Cruzeiro.

1.8 Levantamento arqueológico

Organizou-se um conjunto de dados contidos nas planilhas dos sítios arqueológicos pré-históricos, de contato e históricos, de acordo com as informações solicitadas no modelo de Relatório Parcial de Atividades do PET-Arqueologia/UNIVASF. As informações demandadas são: tipo de sítio, localização, artefatos, estruturas relacionadas e informações sobre a caracterização dos sítios. Os dados foram extraídos do Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos - CNSA/IPHAN. Gerou-se uma planilha adaptada, com as informações solicitadas pela coordenação do projeto PET-Arqueologia, seguindo configuração do próprio

sistema de gerenciamento da informação arqueológica – SIGA/CNSA do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

Do total de sítios cadastrados na base de dados da FUMDHAM e do IPHAN identificaram-se 130 sítios arqueológicos do tipo histórico. Equivalem a 11% do universo de sítios cadastrados. Apenas 1% é de contato. A grande maioria, 88% do universo, é de sítios pré-coloniais. Existem sítios unicomponensiais e multicomponensiais. 120 são componenciais com duas tipologias: pré-coloniais e históricos. Somente dois sítios possuem artefatos pré-coloniais, de contato e históricos.

1. 9 Integração com Estudantes e a Sociedade Local

Esta atividade foi desenvolvida pelos professores do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF que são membros da equipe de execução do Projeto. Participaram efetivamente desta atividade os estudantes bolsistas do PET. Arqueologia. UNIVASF.

Organizou-se um conjunto de imagens do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial, do *Campus* Serra da Capivara, da Fundação Museu do Homem Americano e do Parque Nacional Serra da Capivara para apresentá-lo aos discentes ingressos e à sociedade de São Raimundo Nonato – PI.

1. 10 Feira das Profissões

Esta atividade foi desenvolvida pelos professores do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF que são membros da equipe de execução do Projeto. Participaram efetivamente desta atividade os estudantes bolsistas do PET. Arqueologia. UNIVASF.

Na Feira das Profissões que ocorreu no Centro de Multieventos da UNIVASF, em Juazeiro – BA, fez-se a apresentação do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial e do *Campus* Serra da Capivara em PowerPoint.

1.11 Participação no XVI Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira – SAB e na VI Mostra de Integração da UNIVASF - SCIENTEX

Esta atividade foi desenvolvida pelos professores do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF que são membros da equipe de execução do Projeto. Participaram efetivamente desta atividade os estudantes bolsistas do PET. Arqueologia. UNIVASF.

O XVI Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira - SAB ocorreu entre os dias 05 e 10 do mês de setembro, na cidade de Florianópolis - SC. É um encontro bienal de todos os pesquisadores da Arqueologia. Teve como objetivo apresentar a produção do conhecimento realizado em todos os estados brasileiros assim como discutir o desenvolvimento da pesquisa, do ensino e a abordagem do patrimônio arqueológico.

O evento da SAB deste ano foi promovido em conjunto com XVI Congresso Mundial da União Internacional das Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas – UISPP. O congresso mundial da UISPP costuma ser realizado de quatro em quatro anos. É um bom momento para apresentação do conhecimento produzido nas diversas áreas da Arqueologia de várias regiões do mundo.

A participação de integrantes do grupo PET-Arqueologia/UNIVASF e de outros professores e estudantes do Curso de Arqueologia e Preservação no Congresso da SAB serviu para divulgar a produção cientifica dessa Instituição Federal de Ensino Superior – IFES e interagir com os temas abordados por pesquisadores e estudantes de outras regiões.

A atividade desenvolvida no evento pelos integrantes do PET - Arqueologia/UNIVASF consistiu de uma divulgação do projeto e dos primeiros resultados obtidos pela pesquisa. Fez-se a divulgação com a apresentação de um banner.

Fez-se uso das mesmas informações contidas no banner apresentado no XVI Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira – SAB para apresentá-las, em outro banner, na VI Mostra de Integração da UNIVASF, realizada no Campus de Juazeiro – BA, no período de 18 a 20 de outubro do corrente ano.

1.12 Criação de um Site para o Programa de Educação Tutorial

Esta atividade foi desenvolvida pelos professores do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF que são membros da equipe de execução do Projeto,

com especial dedicação do Prof. Dr. Leandro Surya Carvalho de Oliveira Silva. Participaram efetivamente desta atividade os estudantes bolsistas do PET. Arqueologia. UNIVASF.

O site institucional do Programa de Educação Tutorial de Arqueologia serve como espaço de interação entre os tutores e os estudantes envolvidos no processo de aprendizagem e troca de informações. É um meio para divulgar o grupo PET, tornando públicas as ações. Serve ainda como espaço para os que têm interesse em deixar uma opinião, sugestão ou crítica sobre o trabalho do Programa. Endereço: www.univasf.edu.br/~petarqu.

1.13 Cartilha

Esta atividade está sendo desenvolvida pelos professores do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF, Msc. Vivian Karla de Sena e Msc. Waldimir Maia Leite Neto que são membros da equipe de execução do Projeto. Participaram efetivamente desta atividade os estudantes bolsistas do PET. Arqueologia. UNIVASF.

Está em fase de elaboração uma primeira cartilha para apresentação do Programa de Educação Tutorial – PET e divulgação das atividades desenvolvidas no ano 2011. Está pronto o esboço da cartilha que será apresentada nas escolas.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

ANGELIM, Luiz Alberto de Aquino. (Org.) **Programa Levantamentos Geológicos Básicos do Brasil. Petrolina. Folha SC. 24 –V – C**. Estados da Bahia, Pernambuco e Piauí. Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM). Brasília, 1997.

FRANCH, José Alcina. **Arqueologia Antropológica**. Madrid: Akal S. A., 1989.

HODDER, Ian. **Reading the past: current approaches to interpretation in archaeology**. London: Cambridge University Press, 1986.

_____. **Interpretación em Arqueología: corrientesactuales**. Crítica, Espanha, 1994

KESTERING, Celito; RIBEIRO, Morgana Cavalcante. **Pinturas Rupestres da Tradição São Francisco, Subtradição São Romão, no Serrote da Gameleirinha, em Sento Sé – BA**. (Prelo).

KESTERING, Celito. Patrimônio Arqueológico de Sento Sé – BA. São Raimundo Nonato – PI: UNIVASF, 2014.

LIMA, C. F. **Padrões de assentamento em sítios arqueológicos na zona da mata de Alagoas e sul do Pernambuco**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

LIMA, T. A. **Arqueologia Histórica: Algumas considerações teóricas**. CLIO – Série Arqueológica, Recife, p. 87-98, 1982.

ORSER, C. E. **Introdução à Arqueologia Histórica**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.

SALES, Felipe Silva. **Arqueologia histórica do contexto maniçobeiro: aspectos do modo de vida nos artefatos de contexto doméstico do sítio Casa do Alexandre**. Monografia (Graduação). UNIVASF, 2011

TRIGGER, B. **História do Pensamento Arqueológico**. São Paulo: Odysseus, 2004.